

# A RIVALIDADE GEOPOLÍTICA BRASIL-ARGENTINA NOS ANOS 70: O CONTENCIOSO DE ITAIPU

Caroline Silva RAMOS<sup>1</sup>; Eduardo Lucas de Vasconcelos CRUZ<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Centro Universitário Lusíada – Relações Internacionais, ramos.carolines@hotmail.com;

<sup>2</sup>Centro Universitário Lusíada – Núcleo Acadêmico de Estudos e Pesquisas em Educação e Tecnologia, eduardocruz\_28@yahoo.com.br

## Introdução

A bibliografia corrente sobre a história da política externa brasileira aponta a década de 70 como um período de recrudescimento da rivalidade Brasil-Argentina na arena internacional. A tensão entre os dois países teria sido provocada, sobretudo, pela oposição de Buenos Aires à construção da usina binacional de Itaipu, sob alegação de que o empreendimento alteraria a vazão do Rio Paraná, prejudicando a capacidade argentina de aproveitar seu potencial hidrelétrico a jusante. Como pano de fundo deste litígio estava a disputa Brasil-Argentina pela hegemonia na Bacia do Prata, que já vinha marcando as relações bilaterais nas décadas anteriores e agravou-se em decorrência das altas taxas de crescimento do PIB brasileiro na época.

**O objetivo deste projeto é analisar a rivalidade geopolítica que marcou as relações Brasil-Argentina nos anos 70, com ênfase no chamado contencioso de Itaipu, que opôs os dois países de 1973 a 1979. O período abordado pelo projeto (1970-1979) foi marcado pela vigência de regimes militares no Brasil e na Argentina, o que possivelmente ampliou o peso de critérios geopolíticos nas decisões adotadas pelos dois países.**

## Regimes vigentes no Brasil e na Argentina

Durante o período que cobriu a disputa em torno da construção de Itaipu ambos os países encontravam-se sob governos militares. Porém, no Brasil o regime caminhou progressivamente do liberalismo para o nacionalismo econômico, ao mesmo tempo em que substituía seu tradicional alinhamento com Washington por posições mais autônomas no cenário internacional, primeiro discretamente (1967-1973) e depois ostensivamente (1974-1979). Já a Casa Rosada oscilou entre posturas que uniam ortodoxia econômica e convergência diplomática com os EUA (1966-1969) e programas que combinavam nacionalismo industrial e política externa não-alinhada (1970-1976), tendo depois desembocado num regime ditatorial que juntava, paradoxalmente, medidas econômicas liberalizantes e posições antiamericanas na arena internacional (1976-1979).

## Disputa na Bacia do Prata

A disputa Brasil-Argentina pela hegemonia na Bacia do Prata já vinha marcando as relações bilaterais nas décadas anteriores. O aumento da capacidade econômica e militar do Brasil despertou na Argentina o receio de ver-se ameaçada pelo rompimento do equilíbrio de poder na região, levando-a a adotar uma política de contenção da influência do Brasil sobre os países menores do Prata, sobretudo Paraguai e Bolívia. O Brasil, por sua vez, tinha como prioridade desarticular preventivamente a formação de coligações hostis na América do Sul, ciente de que suas aspirações de potência tendiam a gerar suspeita entre as nações vizinhas.

A longo prazo, a política externa argentina buscava reconstituir o antigo Vice-Reino do Prata, mediante a absorção da Bolívia, do Paraguai e do Uruguai. A partir de 1943, com o golpe que alçou o general Pedro Pablo Ramírez ao poder, os planos de expansão territorial passaram a incluir parte do Rio Grande do Sul, com apoio da Alemanha.

## O contencioso de Itaipu e as negociações que encerraram a questão

O primeiro passo rumo à construção de Itaipu foi dado em 1966, por sugestão do governo Castelo Branco. No ano anterior, o Paraguai abriu um litígio territorial com o nosso País, ao reivindicar para si a localidade de Porto Coronel Renato, recém-ocupada pelo Exército Brasileiro. Como o país guarani não abria mão de sua exigência e o Brasil, por sua vez,

não admitia sequer discutir a questão, o Itamaraty sugeriu que as duas nações iniciassem estudos voltados para o aproveitamento conjunto do potencial do Rio Paraná, no intuito de projetar uma hidrelétrica binacional cujas águas cobririam o território em litígio. O governo Strossner aceitou a proposta, o que deu origem à Ata das Cataratas.

Os estudos bilaterais prosseguiram durante o governo Costa e Silva (1967-1969) e foram concluídos no governo Médici (1970-1973), o que viabilizou a assinatura do Tratado de Itaipu.

Ata das Cataratas - 1966: Estipulou que o Brasil e o Paraguai iniciariam estudos voltados para o aproveitamento conjunto do potencial hidrelétrico do Rio Paraná, que seria represado e inundaria a zona disputada pelos dois países na fronteira. A energia gerada pela usina seria aproveitada por ambos em regime de condomínio

Tratado de Itaipu - 1973: Detalhou como seria construída a Itaipu Binacional, discriminando as responsabilidades dos dois países. Estabeleceu que o Brasil teria direito de preferência na aquisição da energia excedente até 2023

Figura I: Usina Hidrelétrica de Itaipu



Fonte: EBC Agência Brasil

Buenos Aires se opôs à execução do projeto alegando que o empreendimento alteraria a vazão do Rio Paraná, prejudicando a capacidade argentina de aproveitar seu potencial hidrelétrico a jusante. O impasse só foi superado após longas negociações, que resultaram na assinatura do Acordo Tripartite Brasil-Paraguai-Argentina (1979). O documento estabeleceu os níveis do rio e as variações permitidas para os diferentes empreendimentos hidrelétricos na bacia comum às três nações.

## Referências bibliográficas

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Estado Nacional e política internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)**. São Paulo: Ensaio, 1995.

Embaixador Oscar H. Camilión. AS RELAÇÕES ENTRE O BRASIL E A ARGENTINA NO MUNDO ATUAL. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasil, v. , n. 45-46, p.26-43, mar. 1969

DUCA, Arturo Claudio Laguado. Onganía y el nacionalismo militar en Argentina. **Universidad Nacional de Colombia**, Bogotá, v. , n. 62, p.239-259, abr. 2006.

HILTON, Professor Stanley. Brasil, Argentina e a corrida para satelitizar vizinhos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasil, v. , n. 89-92, p.110-118, jan. 1980.

PAULO, Folha de São. **História do Brasil**. São Paulo: Folha, 1997.

## Promoção

Centro Universitário Lusíada – UNILUS  
Programa de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do UNILUS - PPGPE  
Comitê Institucional de Iniciação Científica do UNILUS - COIC  
Núcleo Acadêmico de Estudos e Pesquisas em Educação e Tecnologia do UNILUS - NAPET

*“Eu não tenho nenhum talento especial. Apenas sou apaixonadamente curioso”*  
(Albert Einstein)